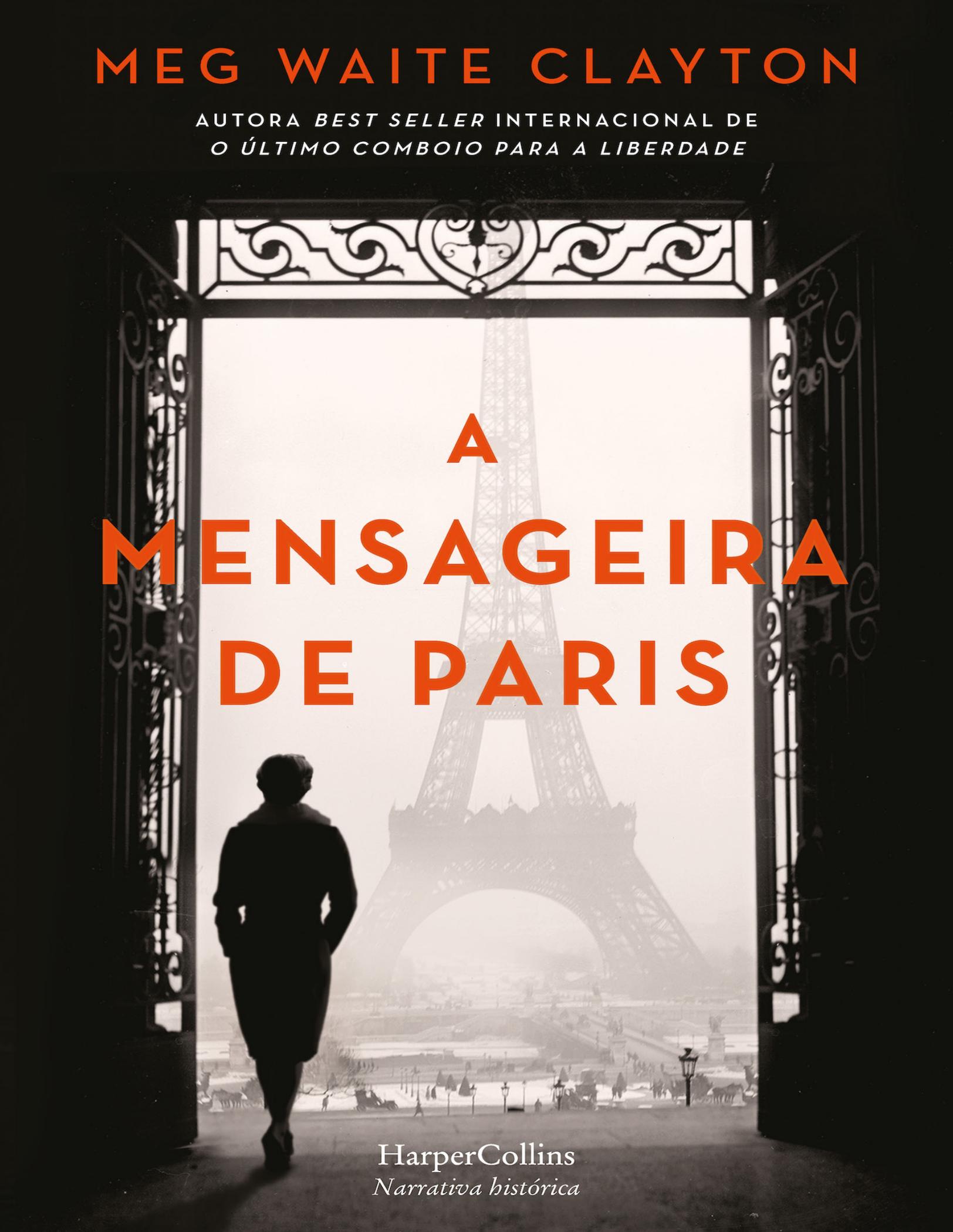


MEG WAITE CLAYTON

AUTORA *BEST SELLER* INTERNACIONAL DE  
*O ÚLTIMO COMBOIO PARA A LIBERDADE*



A  
MENSAGEIRA  
DE PARIS

HarperCollins  
*Narrativa histórica*

MEG WAITE CLAYTON

A

**MENSAGEIRA  
DE PARIS**



Editado por HarperCollins Ibérica, S. A.  
Avenida de Burgos, 8B  
28036 Madrid

A mensageira de Paris  
Título original: The Postmistress of Paris  
© 2021 Meg Waite Clayton

© 2022, para esta edição HarperCollins Ibérica, S. A.  
Publicado por Publicado originalmente pela HarperCollins Publishers LLC, New  
York, U.S.A.  
Tradutora: Mariana Matas

Reservados todos os direitos, inclusive os de reprodução total ou parcial em  
qualquer formato ou suporte.  
Esta edição foi publicada com a autorização da HarperCollins Publishers LLC,  
New York, U.S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e situações são  
produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer  
semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais,  
acontecimentos ou situações são pura coincidência.

Desenho da capa: Joanne O'Neill  
Imagem da capa: © Mark Owen/Trevillion Images (woman); © Interim  
Archives/Getty Images (Paris)

1ª edição: Setembro 2022

ISBN: 978-84-9139-790-8

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

# Sumário

Créditos

Dedicação

Citações

Parte I. Janeiro 1938

*Segunda-feira, 17 de janeiro, 1938. NO CÉU SOBRE PARIS*

*Segunda-feira, 17 de janeiro, 1938. GALLERIE DES BEAUX-ARTS, PARIS*

*Terça-feira, 18 de janeiro, 1938, 5h00. APARTAMENTO DE NANÉE, PARIS*

*Terça-feira, 18 de janeiro de 1938, 6h00. APARTAMENTO DE NANÉE, PARIS*

*Quarta-feira, 19 de janeiro, 1938. SANARY-SUR-MER*

*Dois meses depois: terça-feira, 5 de setembro, 1939. GARE DU NORD, PARIS*

*Sábado, 14 de outubro, 1939. SANARY-SUR-MER*

*Domingo, 15 de outubro, 1939. CAMP DES MILLES*

*Domingo, 15 de outubro, 1939. ÎLE SAINT-LOUIS, PARIS*

*Oito meses depois: quarta-feira, 5 de junho, 1940.*

*AVENIDA FOCH, PARIS*

*Quinta-feira, 6 de junho, 1940. CAMP DES MILLES*

*Quinta-feira, 6 de junho, 1940. AVENIDA FOCH, PARIS*

*Segunda-feira, 17 de junho, 1940. DINARD*

*Segunda-feira, 17 de junho, 1940. LA BOURBOULE*

*Segunda-feira, 17 de junho, 1940. UMA ESTRADA ALGURES NA BRETANHA*

*Terça-feira, 18 de junho, 1940. BRIVE*

*Terça-feira, 18 de junho, 1940. AMBOISE*

*Sábado, 22 de junho, 1940. CAMP DES MILLES*

*Sábado, 22 de junho, 1940. BIARRITZ*

Parte II. Dois meses depois

*Quinta-feira, 5 de setembro, 1940. MARSELHA*

Quarta-feira, 11 de setembro, 1940. GABINETE DO CAS, MARSELHA

Quarta-feira, 11 de setembro, 1940. CAMP DES MILLES

Segunda-feira, 30 de setembro, 1940. GABINETE DO CAS, MARSELHA

Domingo, 20 de outubro, 1940. GABINETE DO CAS, MARSELHA

Sexta-feira, 25 de outubro, 1940. O ELÉTRICO 14, MARSELHA

Segunda-feira, 28 de outubro, 1940. BAIRRO PANIER, MARSELHA

Quinta-feira, 31 de outubro, 1940. CAMP DES MILLES

Sexta-feira, 1 de novembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Sexta-feira, 1 de novembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Sábado, 2 de novembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Sábado, 2 de novembro, 1940. CAMP DES MILLES

Domingo, 3 de novembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Domingo, 3 de novembro, 1940. UMA CAVE DE UM BORDEL

Domingo, 3 de novembro, 1940. VILLA AIR-BEL

### Parte III. Novembro 1940

Segunda-feira, 4 de novembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Segunda-feira, 4 de novembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Terça-feira, 5 de novembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Domingo, 10 de novembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Quarta-feira, 13 de novembro, 1940. SANARY-SUR-MER

Quarta-feira, 13 de novembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Quinta-feira, 14 de novembro, 1940. CONSULADO AMERICANO, MARSELHA

Sexta-feira, 15 de novembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Sexta-feira, 15 de novembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Sábado, 16 de novembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Domingo, 24 de novembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Segunda-feira, 25 de novembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Segunda-feira, 25 de novembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Quarta-feira, 27 de novembro, 1940. AMBOISE

Quarta-feira, 27 de novembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Quarta-feira, 27 de novembro, 1940. AMBOISE

Quinta-feira, 28 de novembro, 1940. AMBOISE

Quinta-feira, 28 de novembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Quinta-feira, 28 de novembro, 1940. CHÂTEAU DE  
CHENONCEAU

Quinta-feira, 28 de novembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Quinta-feira, 28 de novembro, 1940. CHÂTEAU DE  
CHENONCEAU

Sexta-feira, 29 de novembro, 1940. CHÂTEAU DE  
CHENONCEAU

Sexta-feira, 29 de novembro, 1940. CONSULADO  
AMERICANO, MARSELHA

Sexta-feira, 29 de novembro, 1940. TÚMULO DE  
MADAME DUPIN

Sexta-feira, 29 de novembro, 1940. VICHY

Sexta-feira, 29 de novembro, 1940. LYON

Sábado, 30 de novembro, 1940. VILLA AIR-BEL

#### Parte IV. Dezembro 1940

Domingo, 1 de dezembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Domingo, 1 de dezembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Domingo, 1 de dezembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Segunda-feira, 2 de dezembro, 1940. ÉVÊCHÉ,  
MARSELHA

Terça-feira, 3 de dezembro, 1940. NO SS SINAÏA

Quarta-feira, 4 de dezembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Quarta-feira, 4 de dezembro, 1940. NO SS SINAÏA

Quinta-feira, 5 de dezembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Sexta-feira, 6 de dezembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Sábado, 7 de dezembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Sábado, 7 de dezembro, 1940. VILLA AIR-BEL  
Sábado, 7 de dezembro, 1940. VILLA AIR-BEL  
Sábado, 7 de dezembro, 1940. VILLA AIR-BEL  
Domingo, 8 de dezembro, 1940. VILLA AIR-BEL

Parte V. Dezembro 1940

Domingo, 8 de dezembro, 1940. MARSELHA  
Domingo, 8 de dezembro, 1940. MONTPELLIER  
Domingo, 8 de dezembro, 1940. PERPIGNAN  
Domingo, 8 de dezembro, 1940. BANYULS-SUR-MER  
Segunda-feira, 9 de dezembro, 1940. BANYULS-SUR-  
MER  
Segunda-feira, 9 de dezembro, 1940. BANYULS-SUR-  
MER  
Segunda-feira, 9 de dezembro, 1940. OS PIRENÉUS  
Terça-feira, 10 de dezembro, 1940. VILLA AIR-BEL  
Quarta-feira, 11 de dezembro, 1940. LISBOA  
Domingo, 2 de fevereiro, 1941. MARIGOLD LODGE,  
MICHIGAN

Nota da autora e agradecimentos

Notas

Se gostou deste livro...

PARA ANNA TYLER WAITE,  
que não nasceu herdeira, mas criou a sua própria  
espécie de fortuna à sua maneira

«Esperança» é a coisa com penas  
Que se empoleira na alma  
— Emily Dickinson

Viajei por muitos países e aprendi  
a esconder os meus pensamentos em muitas  
línguas.  
— Hans Sahl

# **PARTE I**

## **JANEIRO 1938**

***Uma vez de regresso a Paris, soube que a maioria dos americanos estava a fugir para casa. Decidi ficar. Tinha vivido em França durante oito anos e sentia-me parte dela. Tinha aprendido a amar o seu povo, a sua história, as suas paisagens e as suas velhas pedras. Se os franceses aguentavam, eu também podia. Além disso, havia demasiadas coisas extraordinárias em andamento que eu não queria perder.***

— Mary Jayne Gold, *Crossroads Marseille*, 1940

***Devíamos ter deixado França depois de Max ter sido preso da primeira vez, mas não conseguíamos imaginar outro mundo que não fosse Paris.***

— Leonora Carrington, *Villa Air-Bel*  
por Rosemary Sullivan

## ***Segunda-feira, 17 de janeiro, 1938*** **NO CÉU SOBRE PARIS**

O céu visto pelo teto de vidro do seu *Vega Gull* estava do mesmo carmesim do avião. Para além do para-brisas e do redemoinho cinzento da hélice, eram dez mil toneladas de ferro a pairar enredadas contra o sol poente. Nanée chamou Dagobert, o seu único passageiro, por cima do rugido do motor do Gypsy Six, «*La Dame de Fer à son Meilleur Niveau* — o tipo de arte que adoro» —, que abanou a sua cauda desgrenhada de caniche enquanto circulavam à volta da Torre Eiffel. *A Dama de Ferro no seu melhor.*

Continuou a sobrevoar o Sena em ziguezague, a caminho de Paris para a *Exposition Internationale du Surréalisme*, trezentas obras de arte a representar insetos gigantescos, bizarras cabeças flutuantes e corpos desmembrados ou contaminados que ela sabia terem intenção de estimular o pensamento, mas que sempre a deixavam a sentir-se pouco sofisticada e demasiado americana. Do Midwest. Nem sequer de Chicago, mas de Evanston. Soltou o cachecol de seda branca ao pescoço enquanto iniciava a descida controlada de mil pés para oitocentos, seiscentos, quinhentos, até passar pelo seu apartamento vazio na avenida Foch. Adorava Paris, a não ser as suas noites de inverno tão longas, aos vinte e oito anos e a viver sozinha.

Reduziu a velocidade até ao ponto morto e estendeu os flapes sobre o Bois de Boulogne, descendo até aos duzentos

pés à medida que se aproximava do lago do parque, da sua pequena cascata e do encantador pequeno Quiosque do Imperador. Ali no ar, não havia queixas sobre a exclusão de socialistas do governo francês pelo primeiro-ministro Chautemps, nenhum irmão a matar outro em Barcelona, nenhum Hitler a afirmar estar ansioso pela paz enquanto toda a Europa tremia. Mergulhou uma das asas para ter melhor vista, para ver o gotejar da água sobre as rochas num lago congelado e...

Oh, céus! Umas extensas asas negras esticadas até às pontas de penas brancas às dez horas. Abriu-se um bico vermelho num grito inaudível de aviso acima do motor enquanto ela batia na manete do acelerador, abrindo-a por completo e puxando a manche para trás, guinando para a direita e subindo para evitar bater no cisne preto que já mergulhava para a evitar.

Mas o nariz do avião subia demasiado depressa. Velocidade vertical de quinze pés por minuto. Pelo parabrisas: céu e nada mais.

O velocímetro do ar a cair em direção à velocidade de estol.

As asas em turbulência à medida que o avião começava a perder elevação.

A sirene de aviso de estol a soar o seu clangor de alarme.

Empurrou a manche para a frente, saindo da curva e enviando o nariz em mergulho numa tentativa de recuperar do estado de estol.

Dagobert caiu para a frente enquanto o altímetro se desenrolava e o avião disparava para baixo, agora com vista única para a hélice e o lago gelado.

O gelo!

Tão pouco espaço de manobra.

O pobre do Dagobert a gemer.

O indicador de velocidade do ar a quarenta e cinco nós.

Os dedos a doerem da pressão ao agarrar na manche.

— Está tudo bem, Daggs.

O corpo inteiro em tensão, prestes a desfazer-se.

Cinquenta nós.

Cinquenta e cinco.

Desejou que o indicador de velocidade do ar se movesse mais depressa para poder voltar a subir sem atrasos antes que se precipitasse no gelo.

Mais depressa, caramba!

Sessenta.

Sessenta e cinco!

Volta a puxar a manche.

A ponta do nariz agora a subir.

O indicador de atitude a mover-se para o meio.

Tão baixo que quase roçava no lago gelado.

Os nós dos dedos brancos de agarrar com tanta força, mas sim, tinha parado o stol. Estava a voar a direito e em sustentação.

O velocímetro do ar agora a setenta nós.

Retraiu um nível dos flapes, com o avião a afundar um pouco e o seu estômago com ele. Puxou um pouco mais a manche, mantendo a altitude.

Dagobert ergueu ansiosamente o olhar do chão.

Outro nível de flapes. Um pouco mais de manche. Iniciando a subida.

Quatrocentos pés. Quinhentos.

Um último nível e estavam em subida estável até aos seiscentos, agora com tempo para recuperar de qualquer coisa nova que pudesse correr mal.

De novo nos mil pés, deu a volta, à espera de que o seu maldito coração parasse de lhe tentar fugir do maldito peito. O Sena curvava suavemente de oeste para sul e para leste, dando uma outra vista da Torre Eiffel, agora mais distante.

O lago gelado que podia ter sido o seu frio túmulo, e também o de Dagobert e do cisne, voltou a aparecer em círculo à vista.

— Muito bem — disse a Dagobert, ainda agachado no chão, enquanto acalmava os próprios nervos.

Voltou a descer em direção ao lago, desta vez para uns menos desafiantes quinhentos pés, para percorrer a extensão de água, passar a cascata e à esquerda da ilha e do Quiosque do Imperador, com a sua tão esperançosa cúpula azul.

E ali estava ele, na ponta norte do lago — o cisne negro, pousado em segurança em cima do gelo.

Não devia ter voado tão baixo, mas era isso que adorava: a altura, céu aberto, sim, mas também a adrenalina da terra.

*Aquela tua filha prefere ser rebelde a ser educada. Não te preocupa que acabe por ficar sozinha?*

— Mas eu não estou sozinha, pois não, Daggs? — Deu uma palmadinha no assento ao seu lado, libertando-se das palavras do pai. — Tenho-te a ti.

Dagobert voltou relutantemente a subir com esforço e depois agachou-se no banco, de cabeça sobre as patas. Ela puxou uma das suas orelhas de veludo e ele abanou a cabeça da forma como fazia sempre que lhes mexia.

— Não te quis assustar, mas não ia aguentar feri-lo — disse enquanto se inclinava para leste, em direção à pista de aterragem de Le Bourget. — E este é o mundo dele. Pertence aqui.

Fez o avião parar no asfalto e subiu do *cockpit* para a asa, já a puxar os óculos de proteção, o capacete de cabedal e a sacudir o cabelo. Levantou Dagobert do avião, o desgraçado do cão ainda a tremer ligeiramente, e beijou-lhe o frio nariz negro. Pousou-o na asa, depois puxou os seus esquis e a sua estreita mala de viagem para fora. Só então é que se atreveu a olhar para o relógio na torre abobadada do aeroporto. Estava incrivelmente atrasada.

Deslizou até ao asfalto, encostou os esquis contra a asa e pousou a mala lá em cima, ao lado de Dagobert que a observava com atenção enquanto ela a abria até acima, alinhando o espelho no topo, e trocava o blusão de aviador por um casaco roxo de lã com contas e botões dourados e acrescentava a sua pulseira de punho em pelo. Caramba, estava frio, mas pelo menos não havia ninguém a olhar para ela. Viu-se ao espelho, depois despiu o casaco e tirou a pulseira, atirando-os para cima da asa. Tirou um fiável velho vestido preto Chanel e enfiou-o pela cabeça, tirando a blusa por debaixo e deixando a seda cair sobre as suas calças de aviador de pele. Melhor. Não mais quente, mas melhor. Voltou a vestir o blusão de aviador para se aquecer. Será que poderia usar as calças de pele e as botas com o vestido? Era uma exposição surrealista, afinal de contas.

Dagobert deitou-se, pousando a cabeça sobre as patas enquanto ela trocava as meias de lã por umas de seda. Calçou uns saltos altos. Acrescentou um colar de pérolas. Mais pérolas. Ainda mais. Prendeu as fiadas juntas com um alfinete enorme, prateado com tons de baquelite vermelha, e depois desdobrou um tecido amassado num chapéu elegante. Colocou um toque de perfume na garganta e no pulso e enrolou o seu cachecol de voo de novo ao pescoço. Não melhor, mas mais quente. Voltou a colocar a pulseira de pelo, sentindo o frio da parte de dentro de latão. Pôs batom e depois pegou no focinho de Dagobert entre as mãos.

— Eu também não quero ir, mas é pelo Danny. — Danny Bénédite, o seu irmão francês. Tinha vivido com a sua família quando veio estudar para a Sorbonne há uns anos. Danny fazia tantas coisas boas para tantos.

Beijou Dagobert duas vezes, à maneira francesa, deixando-lhe o focinho sujo de batom. — Está bem. Deixo-te no apartamento — cedeu ela.

Dagobert lambeu-lhe o pelo da pulseira.

— Isto é *Schiaparelli*, Daggs.

O olhar de Dagobert: ela podia enrolá-lo à volta do pulso a qualquer altura que quisesse e por uma fração do custo.

Levantou-o da asa e pousou-o em cima do asfalto. — És terrificamente macio e lindo, mas nunca ficarias sossegado no meu pulso — disse.

No átrio da Galerie des Beaux-Arts, Nanée reparou no *Rainy Taxi* de Salvador Dalí, um *Rolls-Royce* de 1933 coberto de videiras com um manequim-chofer masculino de capacete e óculos de mergulho no lugar do condutor e uma mulher de vestido de gala completamente encharcada e coberta de lesmas vivas atrás. Uma assistente de galeria entregou-lhe uma lanterna e abriu a porta gradeada para uma «rua surrealista» alinhada por mais manequins femininos vestidos — maioritariamente *despidos* — de acordo com os fetiches de artistas proeminentes, com uma fita de veludo a tapar a boca e gaiolas de pássaro sobre a cabeça. Gargalhadas inquietantes assombravam o átrio principal, uma divisão pouco iluminada e poeirenta a fazer lembrar uma gruta com centenas de sacos de carvão pendurados do teto, uma cama de casal em cada esquina e um chão que era uma espécie de charco só com folhas e musgo sem estar realmente molhado. A fonte das gargalhadas era, percebeu ela, um gramofone que devorava as pernas de um manequim intitulado *Jamais*. Nunca. Nanée sentiu-se inclinada em concordar.

Estava um grupo reunido à volta de um mostrador de fotografias penduradas em portas giratórias independentes no centro da divisão escura. E ali estava Danny, todo bem penteado de cabelo para trás, com óculos redondos pretos, nariz comprido, bigode apumado sobre um queixo estreito com uma covinha, e T ao seu lado, ainda mais baixa do que o marido, de cabelo preto de corte masculino e os enormes olhos amendoados mais elegantes do que belos.

Nanée deu um abraço a Danny, e depois trocou beijos ao de leve com T. *La bise*.

— Não é que estás com um ar chique? — comentou T.

Nanée, que se tinha esquecido de tirar o blusão de aviador e o cachecol disse: — Gostas? Chamo a este *look* «Aero-Chanel». — Sorriu de forma sarcástica. — Desculpem o atraso. Os ventos estavam ferozes.

— Quando é que os ventos na tua vida não estão ferozes? — provocou Danny.

O escritor francês André Breton estava parado diante das fotografias nas portas giratórias, a abrir e a fechar as mãos enquanto acabava a sua apresentação e convidava todos a juntar-se a ele nas boas-vindas a Edouard Moss.

— Edouard Moss! — As fotografias de Edouard Moss que Nanée conhecia eram de jornais e revistas: uma rapariga adorável de totós a fazer continência a Hitler de forma entusiástica; um homem a medir o nariz com um paquímetro de metal; um filho de queixo limpo a levar tesouras à barba do seu pai judeu ortodoxo, com o cru e desolador perdão espelhado no rosto do pai. Tanto o fotojornalismo como a arte de Edouard Moss teriam colocado Hitler contra ele, forçando-o a fugir do *Reich*.

— Achei que ias gostar do Edouard — disse Danny.

— Do «Edouard»? Isso é extremamente íntimo, não é? — provocou Nanée. Danny tinha especial prazer em fazer amizade com os artistas que ajudava, usando disfarçadamente a sua posição na polícia de Paris para arranjar vistos de residência para refugiados como Edouard Moss.

T endireitou a aba de um dos bolsos do blusão de aviador de Nanée. — Eu é que achei que ias gostar do Edouard — disse.

Então Edouard Moss deu um passo em frente, de gravata torta e cabelo preto encantadoramente desalinhado. Um rosto quadrado. Um sinal no final da sobrancelha esquerda. Rugas finas a marcarem-lhe a testa e boca. Estava de mão

dada a uma menina de dois ou três anos com cabelo cor de caramelo cuidadosamente entrançado e um muito adorado canguru de peluche. Mas foram os olhos do fotógrafo que apanharam Nanée de surpresa, verdes-claros e cansados, e ainda assim tão intensos que lhe trouxeram a certeza de que era da sua natureza estar sempre alerta, a observar, vigiar, a tomar nota.

Ele franziu a testa quando reparou numa das fotografias no mostrador de portas giratórias — não a peça central do cavalo no carrossel num ângulo assustador, distorcido e zangado, mas uma impressão mais pequena, talvez as costas de um homem nu a fazer uma flexão. Nanée muitas vezes não conseguia entender a arte surrealista, exceto quando queriam que se soubesse que tinham, por exemplo, cortado o corpo de uma mulher ao meio. A fotografia, improvavelmente terna, deixou Nanée agastada por algo parecido com vergonha, pena ou remorso. Dor, talvez tivesse dito se isso não parecesse tão ridículo. A visão de toda aquela pele, a sombra a mascarar o seu *derrière*... Parecia tão pessoal, como as costas de um amante a baixar-se para juntar o seu corpo vulnerável ao dela.

Edouard Moss disse algo a André Breton, em tom demasiado baixo para se ouvir, mas com uma expressão insistente. Quando Breton tentou responder, Moss interrompeu-o, deixando Breton a fazer sinal com a sua cabeça de leão a uma assistente para que retirasse a fotografia do homem da flexão.

Quando a galeria sossegou, Nanée sussurrou a Danny: — Tenho champanhe se depois quiseres trazer os teus amigos para celebrar. — Não sabia porque é que tinha estendido o convite. Só tinha tido intenção de marcar presença e sair cedo, ir para o seu apartamento e vestir um pijama lavado. Mas tinha sempre champanhe.

Voltou a sua atenção para Edouard Moss.

— *Mutti!* — chamou a menina pequena com ele, de rosto a iluminar-se de surpresa e felicidade.

Nanée olhou em redor, certa de que a mãe da criança devia estar mesmo ao seu lado.

Voltou a virar-se para Edouard Moss, que ficou a fitá-la por um tão longo e impossível desconcertante momento que o público se virou para ver o que ele estava a ver. Estavam todos a olhar para Nanée.

Ele fez um sorriso constrangedor e apologético — para as pessoas à espera ou talvez simplesmente para ela —, depois agachou-se ao nível da menina e pegou-lhe no pequeno rosto entre as mãos.

Dilacerou Nanée, aquele simples movimento de um pai a baixar-se à altura da filha. Mas talvez não fossem pai e filha. A menina podia ser uma sobrinha ou até filha de um amigo. Havia tantos pais que não podiam ou saíam eles próprios da Alemanha a enviarem os filhos para viver com a família noutra lado qualquer.

— *Non, ma chérie* — disse ele à menina, a voz de violoncelo barítono só com um leve sotaque alemão. — *Souviens-toi, maman est avec les anges.*

*Lembra-te, a mamã está com os anjos.*

— *Mutti ist bei den Engeln* — repetiu ele em alemão.

## ***Segunda-feira, 17 de janeiro, 1938*** **GALLERIE DES BEAUX-ARTS, PARIS**

A Luki apertou a Pemmy, apaziguada pelo arranhar da cabeça de canguru da professora Rato-Ellie, pelo seu cheiro caloroso a lã. Queria ir ter com a Anjo *Mutti*, abraçá-la e perguntar-lhe onde esteve, mas as mãos do *Papa* estavam quentinhas no seu rosto. O *Papa* sorriu para a Anjo *Mutti*, mas também não foi ter com ela. Seria a anjo como nos livros de histórias? Se se lhe tocasse, desaparecia? A Luki não queria que ela desaparecesse. A Pemmy também não.

A anjo parecia-se com a *Mutti*, mas diferente, talvez por viver agora com outros anjos, tal como quando estavam na casa antiga com a *Mutti* e falavam as palavras antigas, e agora só falavam as palavras novas, exceto quando o *Papa* queria ter a certeza de que ela entendia. Normalmente a Luki entendia, mas gostava de ouvir as palavras antigas, as palavras da *Mutti*.

— *Maman est avec les anges, Moppelchen* — repetiu o *Papa*. — *Mutti ist bei den Engeln*.

— Mas a *Mutti* pode trazer aqui os anjos para ver as tuas fotografias, *Papa*. Os anjos podiam ir connosco para casa. Podiam ficar na minha cama. Eu podia dormir contigo e com a *Mutti* — respondeu a Luki.

## ***Terça-feira, 18 de janeiro, 1938, 5h00*** **APARTAMENTO DE NANÉE, PARIS**

O amanhecer surgia no exterior das elegantes janelas em arco do apartamento e, ainda assim, Edouard teve de falar por cima de rolhas de champanhe a estalar no meio de uma cacofonia de vozes em francês, alemão, inglês e na língua partilhada do riso.

— Posso? — perguntou a Nanée, apontando para a pulseira de pelo desenhada por Meret Oppenheim que André Breton lhe estava a devolver. André. O que raio é que o homem tinha pensado ao pendurar *Salvação* na exposição, chamando-lhe *Nu, Flexão*, um título tão prosaico. E no preciso momento em que a fotografia estava a ser retirada, Edouard tinha-se virado para ver o rosto desta Nanée a olhar para ele, como se fosse o fantasma de Elza. Céus, não admira que Luki tivesse ficado confusa.

Pegou na pulseira, o roçar quente dos dedos de Nanée, com o cheiro dela agora nas suas mãos. Levou o pelo à face de Luki antes de pensar que isso poderia ser inapropriado.

— A Meret diz que o que inspirou a sua chávena de chá de pelo foi a piada do Picasso no Café de Flore sobre esta pulseira — disse Nanée.

— Essa chávena estragou os meus chás durante meses. Ainda agora, sempre que levo porcelana perfeitamente adorável aos lábios, não consigo parar de imaginar pelo na boca — comentou T.

— E a T fica terrivelmente rabugenta quando não consegue desfrutar do seu *Earl Grey* — provocou Nanée.

Parecia-se menos com Elza quando havia mais luz e sem o chapéu que estava a usar na galeria — muito mais justo —, mas tinha o mesmo arco de sobrancelhas, o narizinho encantador, a boca ligeiramente travessa, o mesmo olhar direto nos olhos enquanto o observava a observá-la, a mesma inconsciência do seu próprio encanto.

— E no entanto, foi o que tornou a Meret famosa — disse ele. — O facto de agora não se poder esquecer a sua chávena de chá de pelo...

— O objetivo do surrealismo é provocar — interrompeu André, desviando a atenção de Nanée em Edouard para ele, tal como tinha feito a noite inteira. O homem era casado com uma pintora deslumbrante e talentosa, Jacqueline Lamba, a sua segunda esposa, e tinha uma filha ainda mais nova do que Luki, mas o casamento não era barreira para um surrealista, a monogamia não era tida em grande conta pelo movimento para o qual o próprio André estabelecia as regras.

Edouard disse: — Procuramos subverter os limites da sociedade...

— ...para encontrar o maravilhoso no mundo — interrompeu André de novo. — Só o maravilhoso é belo. E a beleza é convulsiva. A beleza é uma desorientação e uma desordem chocante dos sentidos. Será veladamente erótica, fixa e explosiva, mágico-circunstancial, ou não será.

Nanée sorriu, devagar e calorosamente, mas ao mesmo tempo desafiadora. — Talvez eu fosse mais complacente se alguém me pudesse explicar porque é que «o maravilhoso» tem as suas mulheres nuas de cabeça enfiada em gaiolas ou os corpos desmembrados, enquanto os seus homens estão invariavelmente intactos e vestidos — disse a André.

André, inclinando-se para mais perto dela, disse: — Ah, acho que te devíamos apresentar à nossa amiga Toyen, que mudou de nome porque no seu checo nativo o apelido

identifica uma pessoa como homem ou mulher, e ela simplesmente deseja ser pintora, e não uma mulher pintora.

— Estás a evitar a minha questão. Porque é que as mulheres estão nuas e desmembradas enquanto os homens estão de corpo inteiro e completamente vestidos? — perguntou Nanée.

— É óbvio que a resposta é por nós sermos homens — respondeu Edouard antes que André o fizesse.

Até André se riu, mas Nanée só respondeu «Pffft» daquela forma que as mulheres francesas faziam. Era americana e ao mesmo tempo não era, da mesma forma que ele era e não era alemão.

— Estás a pensar que isto não é resposta, por nós sermos homens — continuou Edouard. — Mas é meramente a resposta que não desejas ouvir. Tal como Freud, estamos interessados em explorar, sem juízo moral, a obsessão, a ansiedade e até mesmo o fetiche.

Ela mexeu-se, desconfortável — quando o desconforto era o que pretendia provocar, sendo ele um verdadeiro surrealista.

André entregou-lhe um pedaço de papel de desenho, sugerindo que ele começasse uma ronda de um Cadáver Esquisito — um jogo inventado por André em que três jogadores desenhavam separadamente uma cabeça, um corpo e pernas ou uma cauda, cada um sem ver o que os outros tinham feito, para criar, invariavelmente, uma composição de uma criatura bizarra. André justificava todos os seus jogos surrealistas como formas de desbloquear as mentes criativas, mas Edouard suspeitava que eram a desculpa do amigo para expor a vergonha dos outros para que o mundo a visse. Ainda assim, devolveu a pulseira de pelo a Nanée e aceitou uma caneta *Waterman*, em ágata verde-musgo com um clipe dourado e uma única faixa dourada sobre uma ponta cheia de marcas de dentadas, já à procura de algo para copiar para jogar o jogo

de André sem se expor. Reparou em duas fotografias numa secretária Luís XV junto às janelas, uma delas com uma jovem Nanée enquadrada junto a um tiro ao alvo, de troféu e pistola na mão, com o orgulhoso pai ao lado, e a outra um retrato instantâneo em cima de um envelope, correio recente, de Nanée vestida com roupa de aviador. Tirou a tampa da caneta e colocou o bico no papel, começando pela longa linha do pescoço que imaginou debaixo do cachecol do retrato instantâneo, desenhando mal, embora tivesse a desculpa de ter Luki a dormir no seu colo.

— Creio que ambos acertaram numa coisa — disse Nanée enquanto ele lhe desenhava os ossos das órbitas dos olhos, com o efeito da implacável tinta preta a dar um ar levemente esquelético. — Acho que a resposta é que vocês, homens, não estão dispostos a permitir que as vossas próprias inadequações sejam colocadas ao lado do ideal.

— Sendo o ideal o corpo de uma mulher? — perguntou ele.

— Sendo o ideal o corpo perfeito de um homem, que é tão «maravilhoso» quanto o de uma mulher. Ansiedade, como dizes — respondeu.

Todos se riram, a sala inteira agora a assistir àquela conversa enquanto ele lhe desenhava as maçãs do rosto e o seu queixo banal. Luki agitou-se, não devido ao barulho, mas à tensão nos músculos de Edouard.

Acrescentou uma gaiola de pássaro de filigrana ao seu esboço para que o rosto esquelético de Nanée espreitasse pela porta aberta — aproveitando-se, achava ele, de as gaiolas representarem agora toda a raiva entre o público surrealista, mas também a imaginar-se a empilhar negativos para fazerem flutuar a cabeça de Nanée sozinha numa gaiola de pássaros, livre do seu corpo mortal.

— Mas se examinares as tuas próprias palavras, Nanée, vais ver que o teu argumento apoia a minha resposta, de que é por sermos homens — disse ele.

— Então és surrealista? Não vi nenhum órgão sexual feminino isolado nas tuas fotos.

Edouard reavaliou-a — uma mulher que conseguia dizer «órgãos sexuais» sem constrangimento? — enquanto envolvia o pescoço do seu esqueleto de papel engaiolado num cachecol como o que ela usava, deixando-o voar para fora como se tivesse sido apanhado por vento forte. Os tipos de fotografias de que ela falava simplesmente não eram o que lhe interessava. O que o impelia, ou costumava fazê-lo quando ainda fotografava, nunca era o pecado, o original ou outro. Nem sequer era o poder central, a tragédia, o desastre ou a violência. Eram os vigilantes, os que estavam à parte sem nunca imaginarem estarem envolvidos.

Ele voltou a dobrar o papel ao longo do vinco e virou-o ao contrário — atordoado por ver não os olhos do esqueleto de Nanée a observá-lo da página, mas os de Elza. A linha do queixo de Elza. O nariz de Elza. As maçãs do rosto de Elza. Elza, a sua mulher que todos descreviam como «perdida», como se pudesse ser encontrada noutra lugar que não fosse num túmulo fechado. Ela fitava-o de cima como fazia nos seus sonhos, exigindo saber porque é que ele deixou o filho deles morrer. Não a acusá-lo da sua própria morte, ou mesmo da morte da irmã, mas do luto pelo seu bebé por nascer, o irmão que Luki agora nunca teria.

Pegou na caneta e esboçou rapidamente um par de óculos de aviador sobre os olhos, voltou a dobrar o papel e passou-o a André que começou cegamente a acrescentar-lhe um corpo.

— Se pensarmos bem nisso, não vi um único corpo nu nas tuas fotos, Edouard — disse Nanée.

— *Nu, Flexão* — respondeu André sem levantar o olhar.

Edouard voltou a eriçar-se com o título dele para *Salvação*, mas corrigir André só iria chamar mais a atenção para a fotografia que ninguém era suposto ter visto.

— Nem um único corpo feminino — acrescentou Nanée.

André então levantou o olhar. — O que é que tu viste naquela fotografia, Nanée? — perguntou ele, a mesma questão na cabeça de Edouard.

— Bom, são... os ombros de um homem curvados para a frente? A fazer uma flexão, achei.

— Às vezes, o espetador não vê tudo o que está na arte — disse Edouard, silenciando André. — Às vezes, nem o próprio artista vê.

— É o melhor da arte — comentou André —, o subconsciente inédito a exprimir-se. — Dobrou o papel de desenho e entregou-o a Nanée. — Então vamos ver o que mais estás a esconder sobre ti, sim? Já alguma vez jogaste ao Cadáver Esquisito? Nesta versão, desenhamos *les petits personages*. Sem pensar. Desenha simplesmente o que quer que te venha a essa bela cabeça.

Nanée, de pulseira de pelo novamente no pulso, hesitou, mas pegou na caneta.

Noutro sítio da sala, um fragmento de uma conversa: — A revelação da alma racial judia. — A sala ficou em silêncio e até o sossegado cão de Nanée escondido debaixo do sofá se virou para a voz. — Estamos a falar sobre a guerra do Hitler em relação à «arte degenerada» — explicou o homem. A fazer piadas. Como se não pudesse imaginar que aquela insanidade nazi pudesse entrar em França.

A revelação da alma racial judia. A frase era a legenda pintada numa das paredes da exposição nazi *Entartete Kunst* — «Arte Degenerada» —, cerca de seiscentas obras de arte moderna e abstrata apresentadas com o único propósito de convidar ao ridículo, a maioria retirada das paredes dos museus alemães com a desculpa de insultarem os sentimentos alemães e comprometerem os bons costumes ou simplesmente carecerem de qualidade artística. Edouard não fazia ideia de onde tinham obtido duas das suas fotografias incluídas na «exposição» de Munique, uma pendurada numa mistura de obras de arte

sob as palavras «a natureza vista por mentes perversas», e a outra sob «um insulto à condição feminina alemã».

— Toda aquela arte vai ser destruída, agora que a exposição terminou — disse Danny.

— A arte vai ser discretamente vendida fora da Alemanha para encher os cofres do Hitler. São os próprios artistas que os nazis querem destruir — disse Nanée.

— Que é a razão de ser de qualquer um de vós com um pingo de juízo ter fugido do *Reich* — disse André, e todos se riram, a verdade a ser muito mais fácil de enfrentar através do riso. Metade dos artistas no apartamento eram refugiados alemães.

Edouard, a observar a mão de Nanée a entregar o papel dobrado do Cadáver Esquisito de novo a André, disse: — Não mordeste a tua caneta.

— Morder a minha caneta?

Ele pegou-lhe e virou-a para mostrar a ponta do tubo, as marcas das mordidas.

— Ah! — Ela riu-se ligeiramente. — Era do meu pai. Quando eu era pequena, costumava espiá-lo sentado à sua secretária na biblioteca. Ele mordia as canetas, de facto. Tinha-me esquecido disso.

— Espiavas o teu pai? — perguntou André.

Naneeé fechou a mão à volta da caneta, como que para escondê-la. — É assim tão estranho?

— Espiavas mais alguém? — perguntou André.

Sem esperar pela resposta, abriu o papel de desenho dobrado e mostrou a todos a criatura bizarra dividida em três partes: a cabeça de esqueleto de Edouard com os óculos de aviador e a gaiola com o cachecol de Nanée ao pescoço; o corpo de polvo de André empunhando pincéis, armas, suásticas e a cabeça cortada de Hitler a pingar sangue; e as ancas, pernas e joelhos ossudos do homem desenhado de Nanée, com a zona genital coberta apenas com uma folha de parreira, sapatos muito parecidos com os

de Edouard, mas com atacadores atados um ao outro e, no chão ao lado da criatura, um canguru de peluche.

Enquanto Edouard tentava digerir o choque daquele pequeno canguru, André brincou: — Ah, parece que me encontro metido no meio de qualquer coisa.

Todos se riram cada vez mais enquanto André não parava de falar do que parecia ser a cabeça de Nanée e a parte de baixo de Edouard com os seus múltiplos braços no meio. O barulho agitou Luki, que acordou a sorrir, sonolenta.

— *Mutti*, cantas para mim? — pediu a Nanée.

Edouard então deu graças pelas gargalhadas na sala, graças por ninguém ter ouvido para além de Nanée. Acariciou o cabelo de Luki até ela voltar a adormecer, aquela criança que era toda mãe e não tinha nada dele, tudo o que restava de Elza.

Levantou-se para se ir embora, dizendo a Nanée: — Peço desculpa. É tão parecida com a Elza... Isso confunde-a. — Olhou fixamente para Nanée, sabendo que estava a ser rude, mas incapaz de desviar o olhar. Também o confundia a ele. — Temos de ir andando. Obrigado — disse.

À porta, Edouard segurava numa Luki adormecida enquanto Nanée o ajudava a embrulhá-la no seu casaco vermelho preferido, pegando depois no casaco dele para que o vestisse. Entregou-lhe o chapéu que Elza tanto adorava, com as suas iniciais marcadas na aba, como se ele fosse o chapéu e o chapéu fosse ele.

— Ela não tem bebé. A canguru. A bolsa está vazia — disse Nanée.

O pobre canguru de peluche de Luki estava estrangulado pelo braço até enquanto dormia. Joey (que Luki depressa apontava que era como se chamava um bebé canguru quando todos lhe chamavam outra coisa qualquer) tinha desaparecido algures entre Viena e Paris, e não se encontrava em lado nenhum, por muito que procurasse. Luki ficou transtornada com a perda: «O Joey também foi ter com os anjos?» e Edouard ficou perturbado com o

presságio assustador da criança desaparecida do canguru. Mas a mãe de Luki já lhe tinha sido retirada. Que destino pior é que poderia prenunciar?

— Então adeus — disse a Nanée.

Nanée observou-o, com a questão estampada na sua expressão: Será que não falava do canguru bebé ou não conseguia falar?

— Em França, dizemos *au revoir* — respondeu ela num tom de voz mais amável do que ele teria imaginado. Não só calmo, mas amável. — Até à vista.